



## RADAR ECONÔMICO

Por Pedro Gil

✓ SEGUIR

Análises e bastidores exclusivos sobre o mundo dos negócios e das finanças

Economia

# BRB, Banco Master e o preço das escolhas públicas

Socorro inevitável, mercado atento e política sob pressão

Por Veruska Costa Donato | 4 mar 2026, 11h11 • Atualizado em 4 mar 2026, 15h12



Fachada do prédio do banco de Brasília (BRB) (Joédson Alves/Agência Brasil)

O socorro bilionário ao Banco de Brasília (BRB) reacendeu um debate que sempre volta à mesa quando o dinheiro público entra em cena. **Alex Agostini, economista da Austin Rating**, foi direto: a ajuda era inevitável para evitar uma liquidação da instituição, mas isso não significa que deva ser comemorada. “Em

relação ao Socorro BRB é algo que era inevitável que ocorresse agora. \*É lamentável que ainda haja bancos públicos no Brasil. Tudo isto deveria ser privatizado\*”, afirmou. Para ele, o ponto sensível é simples de entender: o recurso sai dos cofres públicos — ou seja, do bolso da sociedade — e deixa de ir para investimentos que poderiam gerar retorno em outras áreas.



[AO VIVO: Vorcaro é preso pela segunda vez; Lula fala sobre fim da escala 6x1 | Mercado](#)

**Agostini** pondera que, apesar do tamanho do aporte, o mercado tratou o episódio como secundário. Hoje, os investidores estão muito mais atentos aos conflitos internacionais e às incertezas externas do que a um caso pontual envolvendo um banco regional. Ainda assim, o episódio reforça um alerta recorrente: sempre que o Estado assume o papel de controlador, o risco político caminha ao lado do risco financeiro — e a conta, no fim, pode bater na porta do contribuinte.

No front policial, a nova prisão de Daniel Vocaro, do Banco Master, elevou o tom da crise. Segundo Agostini, o caso entrou de vez na esfera criminal, com confirmações de ameaças a denunciante. “Agora há confirmações de ameaças de pessoas que denunciavam Daniel Vocaro e toda a sua rede de apoio”, disse. Ele ainda alertou para possíveis desdobramentos políticos, citando a proximidade do banqueiro com figuras que tiveram apoio eleitoral. Ao mesmo tempo, o economista saiu em defesa do Banco Central do Brasil e da Comissão de Valores Mobiliários, classificando críticas como “cortina de fumaça” e afirmando que a atuação foi técnica e no tempo certo para evitar contaminação maior no sistema financeiro. Em outras palavras: a crise é séria, mas o sistema, por ora, segue de pé.